



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

RENATA XAVIER MOREIRA

BRINCANDO DE DIALOGAR COM BAKHTIN EM SALA DE AULA

João Pessoa

2018

RENATA XAVIER MOREIRA

BRINCANDO DE DIALOGAR COM BAKHTIN EM SALA DE AULA

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Letras-Português

Orientadora: Prof. Dr.^a Maria Bernardete da Nóbrega

Coorientadora: M.^a Janielly Santos de Vasconcelos Viana

JOÃO PESSOA

2018

RENATA XAVIER MOREIRA

BRINCANDO DE DIALOGAR COM BAKHTIN EM SALA DE AULA

Esta Monografia foi julgada e aprovada para a obtenção do Título de Licenciado em Letras-
Português, no Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal da Paraíba.

Aprovada em: ____/____/2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a D.^a Maria Bernardete da Nóbrega
(Orientadora)

M.^a Janielly Santos de Vasconcelos Viana PROLING/UFPB
(Coorientadora)

Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues DLCV/PPGL/UFPB
(Examinador)

Ms. Ramísio Vieira de Souza PROLING/UFPB
(Examinador)

Antonio Felipe Barbosa Neto PPGL/UFPB
(Examinador)

Catálogo da Publicação na Fonte.

Universidade Federal da Paraíba.

Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).

Ficha catalográfica

M838b Moreira, Renata Xavier.

BRINCANDO DE DIALOGAR COM BAKHTIN EM SALA DE AULA /

Renata Xavier Moreira. - João Pessoa, 2018.

41 f. : il.

Orientação: Maria Nóbrega.

Coorientação: Janielly Vasconcelos.

Monografia (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Leitura. Dialogismo. Literatura. Pintura. Oficinas.

I. Nóbrega, Maria. II. Vasconcelos, Janielly. III.

Título.

UFPB/CCHLA

“Dizem que a vida é para quem sabe viver, mas ninguém nasce pronto. A vida é para quem é corajoso o suficiente para se arriscar e humilde o bastante para aprender.”

— Clarice Lispector

Dedico este trabalho aos meus alunos, pois sem eles eu não teria realizado grandes descobertas, o amor pela profissão que escolhi para chamar de minha e a certeza de que nasci para isto.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pois muitos foram os pedidos, choros e lamentações ao longo da produção deste trabalho. Por ter me capacitado e aumentado a minha fé de que coisas maravilhosas estão a me esperar, conforme são seus planos.

À voinha **Ivanice**, por ser essa mulher braba e me obrigar a beber água e comer quando eu passava horas trancada no quarto, na frente do computador, digitando este trabalho. Por ser uma pessoa mimada e criada pela avó, te agradeço!

À mainha, **Rosangela** que, mesmo longe, sempre foi minha mãe e minha amiga. Mostrando-me sempre que eu posso realizar coisas extraordinárias, se assim for a minha vontade e por acreditar neste passarinho que abandonou o ninho muito cedo e quis voar com suas próprias asas.

Aos meus irmãos, **José e Maria**, que vencem as batalhas do ensino fundamental, diariamente, mesmo acordando naquele frio de Santa Catarina.

À minha madrinha, **Tia Ivalda** e sua fé inabalável, por sempre estar aos pés de Nossa Senhora, intercedendo por mim e cuidando da minha vida espiritual.

Ao meu companheiro de caminhada há 10 anos, Sargento **Gildson Albuquerque**, por me mostrar que quando se tem força de vontade e garra, sempre podemos alcançar o que queremos. Também agradeço pela preocupação e apoio em meus momentos de desespero. Por ser calma em meio a minha tempestade, sou grata.

À melhor pessoa do mundo, que é minha orientadora, **Maria Bernardete**, que foi um anjo colocado em minha vida na hora certa, pois Deus tem o tempo exato para cada coisa e se esse trabalho não saiu antes, foi para ser perfeito, conforme a vontade Dele.

À minha coorientadora, **Janielly Vasconcelos (Tia Jani)**, que me fez acreditar que ia dar certo e por completar este tripé na produção deste trabalho.

A todos da Escola Municipal Maria José de Miranda Burity, por me acolherem de braços abertos para que eu fizesse parte desta família, pois meus dias de trabalho ficaram mais satisfatórios com a harmonia de vocês.

RESUMO

Este estudo propõe uma reflexão sobre a prática de leitura na sala de aula, lugar de ação, reação, alternância e produção dos sujeitos alunos aprendentes do 2º ciclo do Ensino Fundamental, sob o formato de oficinas didáticas e estratégias de múltiplas linguagens em interação: o discurso literário e o discurso pictórico – o conto *A Vida Íntima de Laura* (Clarice Lispector, 1999) / o quadro *A Clarividência* (René Magritte, 1936). Trata-se do relato de uma vivência dialógica para compreender e ampliar competências e habilidades linguísticas brincando de pular as fronteiras do livro didático, permitir e se permitir vivenciar e experimentar o prazer da leitura e sua construção para constituição desse sujeito ator/leitor/ativo, criança e/ou pré-adolescente. Este trabalho objetiva ampliar o universo linguístico-histórico-cultural dos alunos/alunas a fim de exercitar os movimentos discursivos entre a palavra e a imagem, o conto e o quadro: aprendendo a brincar de dialogar com Bakhtin na sala de aula. Esses entrelaçamentos discursivos traçam percursos lúdicos de linguagens no horizonte da perspectiva dialógica sob a orientação de Bakhtin (2014, 2017), . As atividades propostas motivaram a alternância dos sujeitos no processo comunicativo, onde o dialógico se diz e se faz presente no ato de leitura, de escrita, de reconhecer palavras-desenhos significativas e reconhecer-se como sujeitos do ato de compor conceitos e textos: quem é Laura? Quê pincel vê um ovo e desenha uma ave? Os resultados das aulas aplicadas por meio de oficinas sequenciais foram satisfatórios, em grande parte. Foi observado o potencial de leitura na maioria dos alunos e alunas estimulados pelo seu poder/querer/ser leitores autônomos, reflexivos, críticos e, enfim, produtores de textos-objeto da arte de aprender brincando na construção das oficinas. A curiosidade das crianças é algo extraordinário e merece ser explorada dentro do ambiente escolar.

Palavras-chave: Leitura. Dialogismo. Literatura. Pintura. Oficinas.

ABSTRACT

This study proposes a reflection on the practice of reading in the classroom, place of action, reaction, alternation and production of the subjects students learners of the 2nd cycle of Elementary Education, in the form of didactic workshops and strategies of multiple languages in interaction: literary discourse and pictorial discourse - the tale *The Intimate Life of Laura* (Clarice Lispector, 1999) / the painting *Clairvoyance* (René Magritte, 1936). It is the story of a dialogical experience in order to understand and expand linguistic skills and abilities by jumping the boundaries of the didactic book, allowing and allowing oneself to experience and experience the pleasure of reading and its construction for the constitution of this actor / reader / child and / or pre-adolescent. This work aims to broaden the linguistic-historical-cultural universe of the students in order to exercise the discursive movements between the word and the image, the story and the picture: learning to play with Bakhtin in the classroom. These discursive interlacings draw playful paths of languages on the horizon of the dialogical perspective under the guidance of Bakhtin (2014, 2017). The proposed activities motivated the alternation of the subjects in the communicative process, where the dialogical is said and done in the act of reading, writing, recognizing meaningful words and recognizing themselves as subjects of the act of composing concepts and texts: who and Laura? What brush does an egg see and draw a bird? The results of the classes applied through sequential workshops were largely satisfactory. Reading potential was observed in the majority of the students stimulated by their power / willingness to be autonomous, reflexive, critical readers and, finally, object-text producers of the art of learning to play in the construction of workshops. The curiosity of children is something extraordinary and deserves to be explored within the school environment.

Keywords: Reading. Dialogism. Literature. Painting. Offices.

SUMÁRIO

| | | |
|--------------|---|-----------|
| | INTRODUÇÃO | 11 |
| 1 | MARCO TEÓRICO: QUE HISTÓRIA É ESSA?..... | 12 |
| 2 | HISTÓRIA DE VIDA DOS SUJEITOS E SUA PRODUÇÃO | 17 |
| 2.1 | Quem é Clarice Lispector?..... | 17 |
| 2.2 | Quem é René Magritte? | 18 |
| 2.2.1 | A vida íntima de Laura: quem é Laura?..... | 19 |
| 2.2.1 | Clarividência: o que é isto?..... | 20 |
| 3 | BRINCANDO E FAZENDO ARTE COM LAURA: CLARIVIVÊNCIAS PLÁSTICAS..... | 21 |
| 3.1 | Detalhamento da coleta de dados prévios | 21 |
| 3.2 | Oficina (primeira aula) – Introdução ao gênero Conto e a reflexão acerca de Laura | 22 |
| 3.3 | Oficina (segunda aula) – Revelação de Laura..... | 23 |
| 3.4 | Oficina (terceira aula) – Possibilidades de janelas que Laura abre e o diálogo sobre o ovo | 24 |
| 3.5 | Oficina (quarta aula) – O ovo e a Clarividência..... | 24 |
| 3.6 | Análise das respostas pré e pós oficinas | 25 |
| | CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 29 |
| | REFERÊNCIAS..... | 31 |
| | APÊNDICES..... | 32 |
| | ANEXOS..... | 37 |

INTRODUÇÃO

Este estudo nomeia e reenuncia uma proposta: brincando de dialogar com Bakhtin em sala de aula. Assim, pretendemos iniciar um diálogo sobre as estratégias das práticas de leitura no 2ª ciclo do Ensino Fundamental, trazendo os gêneros do discurso estético – o conto *A Vida Íntima de Laura* (Clarice Lispector, 1999) e o quadro *A Clarividência* (René Magritte, 1936) a fim de criar possibilidades de compreensão e construção de linguagens outras, para além do livro didático, no processo da alternância dos sujeitos na esfera dos diálogos pedagógicos.

Nossa postura se insere no contexto das reflexões sobre a prática de leitura na sala de aula na perspectiva da abordagem dialógica bakhtiniana que nos convida a ver/ler/compreender o texto como um espaço de interação autor/leitor em que os sujeitos leitores exercitam estratégias possíveis e imaginárias de construções para, enfim, covivenciar o ato de leitura enquanto percurso infinitamente dialógico, lúdico e pedagógico.

Os estudos propostos por Bakhtin, trazem à tona os gêneros discursivos para ancorar a constituição dialógica da linguagem e sua realização em gêneros. Sendo assim, nesta pesquisa, fundamentada na Teoria Dialógica da Linguagem, a revisão literária se dá com base nas reflexões propostas por Bakhtin (2014, 2017).

Os gêneros do discurso refletem pontos de vista e escolhas fundamentadas em posicionamentos culturais, sociais e ideológicos e fazem com que a comunicação humana se efetive entre sujeitos. “O gênero estabelece uma interconexão da linguagem com a vida social” (FIORIN, 2006, P. 61) Sob forma de justificativa e relevância, acreditamos que a inserção dos sujeitos nas práticas sociais se dá por meio dos gêneros do discurso e, a abordagem destes gêneros em sala de aula, propicia a formação de um leitor ativo, autônomo, reflexivo e produtivo, situado em uma sociedade dinâmica que tem sua concepção de língua/linguagem formada nas práticas cotidianas.

A exemplo de uma proposta metodológica de trabalho com o gênero discursivo (proposta bakhtiniana), escolhemos os gêneros conto e quadro para o desenvolver uma sequência de oficinas didáticas, organizada de modo que possibilite a sua conclusão ao longo de três aulas (45min cada). Este trabalho está estruturado em três capítulos: no primeiro, refletimos sobre os fundamentos teóricos que serviram como base para a reflexão sobre o gênero discursivo. No segundo capítulo, refletimos sobre história de vida dos sujeitos e sua produção e no terceiro e último capítulo apresentamos a realização das oficinas.

1 MARCO TEÓRICO: QUE HISTÓRIA É ESSA?

Mikhail Mikhailovitch Bakhtin (1895-1975), o filósofo russo construiu uma obra no contexto de muitas tensões e confrontos que se entrelaçam na sua trajetória histórica marcada e demarcada por perseguição e exílio, é considerado um dos grandes teóricos da filosofia da linguagem. Ele instituiu uma teoria da linguagem tecida pelo princípio dialógico, fio condutor de todas as suas obras e base das interlocuções de Bakhtin e o Círculo.

A concepção de linguagem como lugar de interação, de acordo com as reflexões de Bakhtin, está ancorada na atividade social e no diálogo. Produzir linguagem significa produzir sentidos, logo, a língua estará sempre à disposição de um locutor que fala de determinado lugar social a partir de um determinado posicionamento. Desse modo, conforme Bakhtin (2017), a língua nunca será desvinculada de um contexto social, ideológico, histórico e dialógico.

Apesar de, à primeira vista, a obra de Bakhtin ser contestada em face da sua contribuição para o ensino e para a prática docente, compreendemos que todos os apontamentos bakhtinianos estão circunscritos em uma filosofia que se aproxima da concepção formulada por Saussure no momento em que este considera a língua como um fato social, que provém e provê as necessidades da comunicação. Todavia, Saussure e seus herdeiros rejeitam suas manifestações (a fala) individuais. Este é o ponto de tensão que os distancia: “[...] Bakhtin, por sua vez, valoriza justamente a fala, a enunciação, e afirma sua natureza social, não individual: a fala está indissolúvelmente ligada às estruturas sociais.” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1981, P. 14). Portanto, em sendo a sala de aula, o lugar e o tempo das manifestações dos sujeitos enunciadores, em permanente interação verbal, podemos reconhecer que a existência do livro enquanto ato de fala impresso e outros gêneros do discurso (o conto, a pintura, a música, a escultura, etc.), materializados pela escrita, pelas linhas e cores, pelas sonoridades, e pelas formas e massas, todos se constituem enunciados potencializados pela comunicação verbal e não verbal no contexto escolar. Assim, é possível trazer a Teoria Dialógica da Linguagem para a sala de aula, a fim de estar permanentemente - Brincando de dialogar com Bakhtin em sala de aula desenhando letras na policromia das falas, modelando ideias que ecoam na escola e reverberam sonoridades para além da sala de aula na dinâmica da construção de potencialidades sócio-histórico-pedagógicas.

Na esfera pedagógica, lugar da interação por excelência, a visão de Bakhtin sobre a linguagem é concebida a partir da convergência das singularidades e particularidades dos sujeitos em suas diferentes formas de enunciação. Os sujeitos aluno/professor/leitor são

constituídos em singularidade pela convivência com o outro, pela interação. As múltiplas e constantes transformações sociais, políticas e culturais são difundidas através da linguagem, isto é, a linguagem acompanha as diferentes mudanças que ocorrem socialmente. Sendo assim, na sala de aula, como fruto da criatividade humana e vista como uma atividade social, a linguagem marca e demarca as práticas comunicativas dos usuários da língua.

Para construir uma reflexão sobre o ensino de língua em consonância com propostas e abordagens dos gêneros discursivos, é preciso apreender alguns princípios basilares da Teoria Dialógica da Linguagem: a palavra, o enunciado, os gêneros do discurso e a categoria das Relações Dialógicas.

A palavra para Bakhtin (2017) reverbera a noção do contexto dialógico no qual os sentidos não possuem limites e que se acumulam os significados. A palavra, portanto, está inscrita em uma atmosfera enunciativa, e se torna ponte entre indivíduos situados histórico e socialmente.

Não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites). Nem os sentidos do passado, isto é, nascidos no diálogo dos séculos passados, podem jamais ser estáveis (concluídos, acabados de uma vez por todas): eles sempre irão mudar (renovando-se) no processo de desenvolvimento subsequente, futuro do diálogo. Em qualquer momento do desenvolvimento do diálogo existem massas internas e ilimitadas de sentidos esquecidos, mas em determinados momentos do sucessivo desenvolvimento do diálogo, em seu curso, tais sentidos serão lembrados e reviverão em forma renovada (em novo contexto). Não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação. (BAKHTIN, 2017, P. 410)

A palavra é viva e, como tal, não conhece o acabamento de determinado objeto que se observa e questiona. As palavras são concretamente compreendidas enquanto práticas discursivas que contribuem para a formação crítica do sujeito leitor. A leitura da palavra constitui as práticas de leitura do mundo e do gênero, constitui a comunicação social. O mundo é experienciado pelo sujeito nas relações sociais através das palavras, uma vez que, a leitura é parte de um processo cultural que revela tons, valores, posicionamentos que permitem que o sujeito-leitor, coloque seus enunciados em diálogo com os enunciados do outro em um processo ininterrupto de construção e retomada de sentidos e significações.

É nesse contexto, posterior à discussão sobre a palavra, que o enunciado emerge com sua natureza de diversidade e comunicabilidade,

O enunciado existente, surgido de maneira significativa num determinado momento social e histórico, não pode deixar de tocar os milhares de fios dialógicos existentes, tecidos pela consciência ideológica em torno de um dado objeto de enunciação, não pode deixar de ser participante ativo do diálogo social. (BAKHTIN, 2014, P. 86)

Bakhtin (2017) considera que o emprego da língua ocorre em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, nunca repetíveis, isto é, o sujeito constrói o seu conteúdo interior a partir das suas vivências e do diálogo que ele mantém com seus interlocutores, no momento em que ele materializa a sua ideologia, já que todo signo é ideológico, o que foi vivenciado naquela situação é único e não volta, mesmo que o locutor se esforce para repeti-lo.

Cada enunciado possui um tom (entonação de expressão, tonalidade discursiva) que é dado tanto pelos gêneros primários (aqueles que são utilizados na comunicação cotidiana, resultando em troca verbal espontânea) e também pelos secundários (que são mais complexos e originam-se de uma comunicação cultural mais elaborada, fazendo parte de um uso mais oficializado da linguagem); o tema (a maneira que o tema é tratado) e estilo já que o estilo está indissolivelmente ligado ao enunciado e às formas típicas de enunciados, ou seja, aos gêneros dos discursos. Quanto ao estilo, Bakhtin diz:

[...] Todo enunciado – oral e escrito, primário e secundário e também em qualquer campo da comunicação discursiva – é individual e por isso pode refletir a individualidade do falante (ou de quem escreve), isto é, pode ter estilo individual. Entretanto, nem todos os gêneros são igualmente propícios a tal reflexo da individualidade do falante na linguagem do enunciado, ou seja, ao estilo individual. (BAKHTIN, 2017, P. 265)

A partir da realização da língua em enunciados, é possível compreender o caráter social e ideológico da linguagem e observar a construção bakhtiniana de duas categorias centrais na teoria: as relações dialógicas e os gêneros do discurso.

As relações dialógicas são relações (semânticas) entre toda espécie de enunciados na comunicação discursiva. Dois enunciados, quaisquer que sejam, se confrontados em um plano de sentido (não como objetos e não como exemplos linguísticos), acabam em relação dialógica. (BAKHTIN, 2011, P. 323)

As relações dialógicas concorrem para a concretização de uma concepção de linguagem vista como um fenômeno compartilhado, dialógico e interativo, pois fundamentam as práticas de leitura de todo e qualquer gênero do discurso, de modo que constroem sentidos entre enunciados em aspectos temáticos, estilísticos e estruturais.

As *relações dialógicas* são de índole específica: não podem ser reduzidas a relações meramente lógicas (ainda que dialéticas) nem meramente linguísticas (sintático-composicionais). [...] As relações dialógicas são relações (semânticas) entre toda espécie de enunciados na comunicação discursiva. (BAKHTIN, 2011, P. 323, grifos do autor)

A transformação dos sujeitos, frente a um determinado gênero, acontece por meio das relações dialógicas, uma vez que, ao construir conhecimento tecendo essas relações,

novas significações são geradas levando o sujeito a apreender o mundo e reafirmar seu discurso, valorando e fazendo escolhas enunciativas no movimento de compreensão.

Bakhtin (2017, p. 262,) concebe os gêneros do discurso como “*tipos relativamente estáveis* de enunciados”. As variadas práticas sociais discursivas e suas manifestações realizam-se no/por meio dos gêneros do discurso. Tais gêneros estão ligados às necessidades comunicativas dos falantes, imprimindo assim, as possibilidades de interação social que refletem a dinamicidade dos discursos cotidianos retratados através das inúmeras formas de realização da língua, pois ela – a língua, é mutável, evolui de acordo com o tempo, se adapta às inovações linguísticas.

Assim, estudar os gêneros é considerar as produções comunicativas, bem como, reconhecer o discurso, a esfera e o contexto, contribuindo para a sistematização do estudo da diversidade textual que está presente nas atividades comunicativas diárias. “O gênero estabelece, uma interconexão da linguagem com a vida social” (FIORIN, 2006, P. 61), pois se relaciona com as esferas de realização comunicativa.

Nós nos comunicamos através de gêneros, que são formas relativamente estáveis, pois sofrem, incessantemente, influência das transformações que acontecem na sociedade, ampliam-se conforme a situação comunicacional, as relações pessoais, o lugar, o espaço e a história, evoluindo de primários para secundários (embora o segundo apoie-se no primeiro, sendo este mais complexo, institucionalizado).

Os gêneros demarcam, conforme Bakhtin (2017), as identidades sociais e as posições sociais do sujeito, neles travam-se os diálogos do “eu”, ecoam-se as “vozes” da sociedade, ou seja, nós sempre falamos de acordo com nossas vivências e relações com textos já lidos, com nossas ideologias que, quando confrontadas, assumem outros discursos, produzindo novos sentidos, textos e discursos, ampliando nosso horizonte linguístico, as nossas possibilidades de comunicação e assim, oportunizando a realização de eventos comunicativos produtivos e interativos.

No conto *A Vida Íntima de Laura* (Clarice Lispector, 1999) e no quadro *A Clarividência* (René Magritte, 1936) é possível compreender as possibilidades de concretização dos gêneros do discurso e suas realizações enunciativas que, de acordo com Bakhtin (2017, p. 281), são determinadas por elementos ligados ao “todo orgânico do enunciado”.

Conforme Bakhtin (2017), os gêneros do discurso (sejam eles orais ou escritos) são heterogêneos, flexíveis, mutáveis, inesgotáveis e multiformes, por isso, estão sempre em um processo de expansão, abrindo portas para diversificar seus elementos. As diferentes e

inúmeras possibilidades de situações comunicativas permitem a compreensão de que também existem inúmeras possibilidades de gêneros que mobilizam interações e enunciações pela linguagem.

2. HISTÓRIA DE VIDA DOS SUJEITOS E SUA PRODUÇÃO

2.1 Quem é Clarice Lispector?

De origem judaica, Clarice (1925-1977) foi uma jornalista e uma das mais importantes escritoras brasileiras do século XX. Nascida ucraniana, Clarice chega ao Brasil em 1926, fugida da Rússia e de sua Guerra Civil. Em Alagoas, apenas com dois meses de idade, mudou de nome e Haia, tornou-se Clarice.

Passou a infância em Recife, iniciou seus estudos no grupo escolar João Barbalho. Começou a escrever pequenos contos muito nova. Cresceu aprendendo o idioma dos seus pais, o iídiche, também aprendeu inglês e francês. Quando ela tinha apenas nove anos, sua mãe faleceu. Em um colégio público de Recife, ingressou no Ginásio, assim que terminou o primário. Três anos depois, mudou-se com a sua família para o Rio de Janeiro, onde morou no bairro da Tijuca.

Clarice terminou o segundo grau, ingressou na Faculdade Nacional de Direito e se tornou redatora da Agência Nacional, passando para o jornal A noite. Dois anos depois, casa-se com Maury Gurgel Valente, seu amigo de turma. No ano de seu casamento, ela termina seu primeiro romance: "Perto do Coração Selvagem" (1944). No ano seguinte, publica o livro e recebe o Prêmio Graça Aranha por ele.

No mesmo ano, Clarice viaja pelo mundo, acompanhando seu marido, diplomata. Conheceu Nápoles, foi voluntária de assistente de enfermagem no hospital da Força Expedicionária Brasileira e publicou "O Lustre". Em 1946, morando na Suíça, publica "A Cidade Sitiada". Seu primeiro filho, Pedro, nasce. Em 1952 publica "Alguns Contos". Visita a Inglaterra e segue para os Estados Unidos, onde seu segundo filho, Paulo, nasce. Publica, em francês, "Perto do Coração Selvagem", em 1954.

Separa-se do marido em 1959 e volta ao Rio de Janeiro, com seus dois filhos. Assume a coluna "Correio Feminino", no Jornal Correio da manhã e começa a trabalhar com a coluna "Só para mulheres", no Diário da noite. Nesse mesmo ano, lança "Laços de Família" e recebe o Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro. Ganha o Prêmio de melhor livro do ano (1962), com a publicação de "A Maçã no escuro".

Publica "O Mistério do Coelho Pensante" em 1967 e, enquanto dormia com um cigarro aceso na mão direita, sofre várias queimaduras, no mesmo ano. Um ano depois, publica crônicas no Jornal do Brasil e começa a fazer parte do Conselho Consultivo do Instituto Nacional do Livro e ficou conhecida lá como uma pessoa muito difícil. Anos depois,

ganhou o primeiro prêmio do X Concurso Literário Nacional de Brasília, pelo conjunto de sua obra.

Sua última obra publicada em vida, "A Hora da Estrela", foi escrita em 1977 e ganhou versão cinematográfica, conquistando os maiores prêmios do festival de cinema de Brasília. "O renome de que Clarice Lispector priva na moderna literatura brasileira está sobretudo em relação com a raridade, entre nós, do romance introspectivo que a autora segue. ” (COUTINHO, 1986, P. 526)

A obliquidade semântica se constitui gesto singular no discurso de Clarice Lispector que insinua sinuosidades e transposição de lugares, espaços e sentidos. A exemplo de Machado de Assis, a sua linguagem tece enigmas:

A linguagem de Lispector contém como que uma armadilha: a sua simplicidade é enganosa, podendo dar ao leitor a impressão de sua planura sem fim, de uma superfície horizontal. A este respeito, ela está mais para Machado de Assis do que para Euclides da Cunha ou Guimarães Rosa. Pois, nem pela escolha dos vocábulos, nem por sua construção frásica, Clarice Lispector parece ultrapassar um tom de coloquialismo e de narração sem surpresas. Ainda mesmo as formas de chamamento ao leitor – “o que vai ser de Joana? ”, “estou cansada, apesar de minha alegria de hoje, (...) Vamos chorar juntos, baixinho” – dão um caráter de familiaridade ilusória. Pois, em última análise, é nesta soma de palavras comuns que se depositam as dimensões encontradas na realidade. (COUTINHO, 1986, P. 529)

Assim, Coutinho prossegue por entre esse fio condutor “enganoso” na tensão dialética linguagem *versus* opacidade do mundo *versus* para buscar desvendar a escritura de Clarice Lispector.

As principais obras de Clarice: Perto do Coração Selvagem (1944), A Hora da Estrela (1977), Laços de Família (1960), A Legião Estrangeira (1964), Felicidade Clandestina (1971), O Mistério do Coelho Pensante (1967), A Mulher que Matou os Peixes (1968), A Vida Íntima de Laura (1974), Quase de Verdade (1978), Como Nasceram as Estrelas: Doze Lendas Brasileiras (1987).

2.2 Quem é René Magritte?

René François Ghilain Magritte nasceu em 1898, na Bélgica e se tornou um dos mais importantes artistas plásticos do surrealismo de seu país. Conforme Teles (1982),

“O Surrealismo é, cronologicamente o último movimento da vanguarda europeia, pois surgiu com esse nome em 1924, quando André Breton (1896-1970) lançou o “Manifeste du Surréalisme” e o primeiro número da *Revue du Surréalisme*, fundando ao mesmo tempo um escritório destinado a investigação oníricas, o “Bureau de Recherches Surréalistes”. As suas origens estão ligadas ao expressionismo, embora e possam assinalar alguns pontos de contato com o futurismo de Marinetti. [...] Os surrealistas redescobriam escritores como Sade,

Nerval, Baudelaire, Lautréamont, Rimbaud, Mallarmé, buscando ao mesmo tempo apoio filosófico em Freud e no Marxismo. Além disso, ambos os movimentos buscavam a emancipação total do homem, o homem fora da lógica, da razão, da inteligência crítica, fora da família, da pátria, da moral e da religião – o homem livre de suas relações psicológicas e culturais. Daí a recorrência à magia, ao ocultismo, à Alquimia medieval na tentativa de se descobrir o homem primitivo ainda não maculado pela sociedade. Como se vê, atitudes bastante românticas a que o desenvolvimento da psicologia, bem como a descoberta do método psicanalítico da escrita automática e o pensamento falado, vão levar agora a outras dimensões: à dimensão surrealista, que teve repercussões na maior parte das literaturas ocidentais (TELES, 1982, P. 170)

Filho caçula de Léopold e Regina Magritte, presenciou o suicídio de sua mãe, em 1912. Foi admitido, em 1916, na Académie Royale des Beaux-Arts e inicia sua carreira de desenhista em uma fábrica de papel de parede (onde conheceu sua esposa, Georgette). Quatorze anos se passam, entre um emprego e outro, o autor começa a se destacar no movimento surrealista e assina um contrato com a Galeria de Artes de Bruxelas, dedicando-se à pintura. Realiza sua primeira mostra de arte e é aclamada entre os críticos.

No começo de sua carreira, tentava imitar os pintores vanguardistas, mas foi se dando conta de que aspirava mesmo era por uma expressão poética, então foi inspirado por Giorgio Chirico. Frequentou os ambientes surrealistas quando foi morar na capital francesa, então conheceu importantes pintores surrealistas. Magritte se situa no contexto das Vanguardas Europeias e faz parte do movimento surrealista. Teve oportunidades e expôs seu trabalho em Nova Iorque, em 1936; no Museu de Arte moderna, em 1965, no Metropolitan Museum of Art, em 1992. Faleceu no dia 15 de agosto de 1967, pois perdeu a luta contra um câncer, e foi enterrado no cemitério, em Bruxelas.

As principais obras de Magritte: O espelho falso (1928), Os enamorados (1928), A traição das imagens (1929), O retrato (1935), Clarividência (1936), Os mistérios do horizonte (1955), dentre outras.

2.2.1 A vida íntima de Laura: quem é Laura?

Uma obra voltada, inicialmente, ao público infantil, “A Vida Íntima de Laura“ conta (em breves acontecimentos) a história de uma galinha muito simples, feia e tonta, apesar de ser a galinha mais popular e produtiva do galinheiro onde vive. Também é muito amada pela dona da fazenda, Luísa. Laura é casada com um galo muito vaidoso, chamado Luís, que a ama demais. Com Luís, Laura tem um filho chamado Germany, o pintinho mais lindo do galinheiro. O maior medo da protagonista é virar almoço, mas sua vida é assegurada depois da visita de um extraterrestre de nome esquisito, que lhe promete proteção.

Através de uma linguagem articulada para crianças, Clarice brinca e estimula o imaginário do leitor a todo momento. De uma maneira inusitada, a terceira obra da autora feita para as crianças é impactante e ganha a atenção do público assim que se inicia:

“Vou logo explicando o que quer dizer “Vida íntima”. É assim vida íntima quer dizer que a gente não deve contar a todo o que se passa na casa da gente. São coisas que não se dizem a qualquer pessoa. Pois vou contar a vida íntima de Laura. Agora adivinhe quem é Laura. Dou-lhe um beijo na testa se você adivinhar. E duvido que você acerte! Dê três palpites. (LISPECTOR, 1999, P. 7)

Mergulhada na linguagem e no mundo infantil, Clarice mostra, de maneira clara e extrovertida, que a conversa é de criança para criança. A adivinhação (brincadeira infantil conhecida por toda e qualquer criança, dos tempos antigos, até os atuais), torna divertida e dinâmica a leitura.

Esta produção apresenta características modernistas (influência do período da autora), pois Laura, apesar de ser personagem principal na obra, não assume papel de heroína. Pelo contrário, Laura é caracterizada como uma galinha de pescoço exageradamente feio, burra e a única coisa que ela sabe fazer bem, é colocar ovo. A intensidade da autora é transmitida pela forma como ela aborda e explora, através de toda a obra, determinados assuntos polêmicos, como o respeito às diferenças externas

- Laura tem o pescoço feio;
- A galinha Carijó é diferente das demais;

Tais temas, são abordados de forma tão lúdica e simples, que o leitor absorve as informações e logo entende a ideia que a obra quer passar: Respeito! Independentemente da sua forma física, capacidade intelectual, gênero ou condição de vida.

2.2.2 Clarividência: o que é isto?

O artista René Magritte pinta um quadro com traços bem definidos, nitidamente representativas da realidade, e no quadro Clarividência (1936) a pintura é considerada quase que uma fotografia devido aos elementos que configuram um autorretrato. A obra de arte mostra o próprio um pintor de costas que olha para um ovo a sua esquerda, situado em cima de um móvel com tecido vermelho, e que pinta um pássaro no quadro.

A clarividência (capacidade de enxergar além do que os olhos comuns podem ver) se concretiza na obra retratando o olhar do pintor para o futuro, em uma ação surrealista. Um ovo pode parecer igual a todos os outros, mas o que está dentro dele pode nos surpreender e é o que realmente importa.

3. BRINCANDO E FAZENDO ARTE COM LAURA: CLARIVIVÊNCIAS PLÁSTICAS

3.1 Detalhamento da coleta de dados prévios

A oficina foi realizada com a turma do sexto ano A, do ensino fundamental, da Escola Municipal Maria José de Miranda Burity, composta por 35 alunos, com idade entre 10 e 11 anos. São crianças, em sua maioria, de classe média baixa, moradores dos bairros de Jacaré, Poço, Portal do Poço, Recanto do Poço e Camboinha. A escola, abrange uma grande quantidade de alunos (inclusive PCDs) pela recente reforma em sua estrutura física. A sala de aula possui quadros e carteiras novas e estrutura para ar condicionado.

Ao serem apresentados à oficina, mostraram-se interessados a aprender algo novo, de forma lúdica e leve. Lhes foi falado que a oficina era fruto de um trabalho de conclusão de curso e que os mesmos estariam fazendo parte de um olhar diferenciado para a prática de leitura e trabalho com gêneros em sala de aula.

Como objetivo específico, foi comentado que a participação na oficina seria de fundamental importância para que eles enxergassem a leitura com um novo olhar. Além de conhecer melhor o gênero conto e saber reconhecer um gênero discursivo e um pouco de dialogismo. O foco para a elaboração do material (plano de aula, presente nos apêndices) foi sempre lapidar o aluno quanto leitor e ampliar seus horizontes para fora do ambiente escolar e aproveitar as múltiplas áreas de leitura.

Após a explicação dos objetivos, iniciamos um debate sobre a intimidade que cada um tinha com a leitura (gibis, redes sociais, revistas, jornais, jogos, livros, etc.) e os alunos foram convidados a participar da pesquisa. Então, foi passado uma frase para eles completarem: *para mim, ler é...*

Assim, poderíamos apreender o horizonte de leitura de cada aluno, bem como a sua afinidade com textos lidos anteriormente, saber se a leitura está presente no dia-a-dia dos alunos e reconhecer a importância da leitura na vida de cada um.

À medida em que os alunos iam respondendo, eram fichados e catalogados em três grupos: os que gostam de ler e praticam leitura; os que não gostam de ler, mas leem por obrigação e os que não gostam de ler e nem praticam.

Através do debate prévio, foi possível analisar os hábitos de leitura (diários ou não) dos alunos, seu aproveitamento dos textos lidos, sua capacidade de expressar-se sobre o que

se lê e o que se fixa na mente, uso da internet como fonte inesgotável de informação e como eles lidam com sua própria capacidade de ler o que quiser.

As fichas são auxiliadoras no processo de compreender a situação inicial em que se encontravam os alunos antes da oficina e traçar um perfil dos sujeitos/leitores, seres pensantes, formadores de opinião e futuro da nossa sociedade.

Ao final da oficina, os alunos foram solicitados a completar, novamente, a pergunta inicial, afim de investigar a mudança, a quebra de paradigma e de preconceito contra os textos em sala de aula.

Após esta última etapa, foi feito o recorte e separação das respostas dos alunos, conforme veremos a seguir, constatando a urgente necessidade de aulas de leitura que privilegiem o aluno e descentralizem a sala de aula da figura do professor como único detentor do saber.

Neste trabalho, as identidades dos alunos serão preservadas e identificaremos cada aluno através de número, conforme veremos na segunda parte desta análise.

3.2 Oficina (primeira aula) – Introdução ao gênero Conto e a reflexão acerca de Laura

A oficina foi iniciada, acomodando os alunos da forma mais confortável possível, para que nada atrapalhasse o seu raciocínio acerca da atividade que seria proposta a seguir. Devidamente acomodados, foram entregues as frases, aos alunos, para que cada um completasse com o sentido de ler para si próprio. Depois de preenchido, os questionários foram recolhidos para análise e catalogação. Em seguida, os estudantes tiveram uma introdução detalhada sobre o gênero conto e todas as dúvidas foram tiradas.

Após o primeiro contato com o gênero, foi explicado aos alunos que, brevemente, seriam apresentados a uma amiga chamada Laura (nome exposto na lousa, através de um slide, no Datashow) e pedido que eles debatessem e anotassem em um pedaço de papel, quem ou o que eles achavam que era Laura, conforme presente no apêndice nº 2.

Assim, os palpites foram recolhidos, guardados e analisados. Conforme programado, o fim da primeira aula da oficina chegou (terceira aula do dia para as crianças) e eles foram liberados para o intervalo. Durante este período, o diretor da escola ficou sabendo sobre uma hipotética mulher que viria dar palestras na escola, chamada Laura. Intrigado com este fato (de não ser avisado de uma presença desconhecida na escola), questionou sobre a provável mulher. Após explicada a situação de que Laura era uma personagem de um livro, o gestor

Eduardo achou interessante e inovador o método de despertar a curiosidade e o interesse dos alunos para com um conteúdo escolar. Ainda durante o intervalo, foi notada a presença de vários alunos espiando pela janela da sala dos professores, tentando ver uma presença diferente ali, procurando Laura.

3.3 Oficina (segunda aula) – Revelação de Laura

O boato sobre o mistério de quem seria Laura correu por toda a escola, as tias da limpeza também ficaram curiosas e perguntaram quem seria a tal mulher. Então, lhes foi mostrado o conto para que as mesmas o lessem com carinho.

Assim que acabou o intervalo, os alunos correram para a sala e ficaram à espera de Laura. Ao chegar na sala de aula, os olhos curiosos procuraram alguém que poderia entrar pela sala. O Datashow foi ligado novamente e perguntado se estavam preparados para conhecer Laura.

Após o início da leitura, ouviu-se uma sonora gargalhada de todos os alunos, ao descobrirem, enfim, quem era Laura. Os olhos permaneceram atentos até o final da leitura. Logo após, foi lhes perguntado se gostaram de conhecer Laura e se gostariam de ser amigos dela. Então todos responderam que *sim*. A biografia da autora foi exposta e lida, para que os alunos conhecessem/reconhecessem a autora com sua intensidade e seu modo de escrita inconfundíveis.

Comparamos então, o modo de escrita desta obra com algumas citadas pelas próprias crianças. Pois, segundo Lígia Chiappini de Moraes Leite, em *O texto na sala de aula* (1999), a utilização da literatura como trabalho com a linguagem é de fundamental importância, pois desde a alfabetização (ao contar, inventar ou ouvir histórias) lhes é ensinado a interagir com o meio através do texto.

Clarice Lispector devidamente apresentada, voltamos à Laura e iniciamos uma conversa sobre galinhas. Lhes foi perguntado se eles tinham galinhas em casa, se conheciam alguma galinha com nome de gente e quais as receitas que eles conheciam que usasse galinha como ingrediente principal. Vários nomes estranhos de galinha foram citados, diversos pratos e receitas com galinha foram compartilhados entre eles.

O diálogo com os alunos sobre o texto lido foi de extrema valia para o enriquecimento deste trabalho, pois ainda Leite afirma (1999, p.23) que a linguagem é, acima de tudo, a criação de sentido e dá origem à comunicação.

Ao final, foi distribuído para todos, um cachorro quente de galinha. Algo que se contextualizou com o texto trabalhado e criou-se mais uma expectativa para a próxima aula. O que Laura ainda possibilitaria para eles?

3.4 Oficina (terceira aula) – Possibilidades de janelas que Laura abre e o diálogo sobre o ovo

Ao início da terceira da oficina, foi distribuído cola, tesoura e cartolina para que os alunos pudessem produzir sua própria galinha Laura em formato de cone. Isso motivou os alunos (sobretudo os PCDs), para uma atividade diferente e um olhar diferente. Ao ler o conto no início da aula anterior, eles não imaginariam que seus horizontes seriam tão ampliados e teriam uma visão tão vasta de como o texto pode mudar a percepção do mundo ao seu redor.

Analisar um texto e ter realmente, esta capacidade de levar o que foi lido para a vida do aluno e em sua bagagem é, em si, o propósito desta oficina. Pois, ler o texto que a professora mandou e fazer uma produção textual sobre aquilo é algo que se esquece em poucos anos. O que se aprende tendo o prazer de aprender, de fato, é o que fica para a eternidade.

Tendo o exposto acima como base, Geraldi (1999 p.88) afirma que uma coisa é dominar as habilidades e uso da língua, ou seja, saber a língua. Outra coisa é saber analisar a língua (dominando, de fato, os conceitos a partir do que se fala e o que se entende e suas características estruturais e de uso). São alunos preparados para entender o uso de sua língua que queremos formar, e não apenas números de formados que não levam consigo algo relevante em suas experiências de mundo, em sua vida de estudante.

Após produzirem com bastante cuidado e atenção a sua galinha Laura, todas foram expostas no *hall* da escola, para que os demais alunos e funcionários contemplassem o trabalho. Pouco tempo depois, todos na escola sabiam sobre Laura.

Esta parte da oficina trouxe uma nova visão aos alunos de que um simples conto pode ser norteador de inúmeras possibilidades em sala de aula e que eles podem se surpreender com as aulas de português, sem achar chato o trabalho com os gêneros do discurso.

3.5 Oficina (quarta aula) – O ovo e a Clarividência

A imagem de um ovo foi colocada no Datashow. Os alunos logo se atentaram a novidade e ficaram curiosos para saber que ovo era aquele. E foi justamente esta pergunta que

lhes foi feita: QUE OVO É ESTE? Dentre as mais inusitadas respostas (um ovo de dinossauro, cavalo, ovo da páscoa), saiu que o ovo era de Laura.

A imagem foi posta por completa e foi revelada a pintura de René Magritte, *Clarividência* (1936), que mostra um homem observando este ovo e pintando um pássaro. Foi exatamente o que as crianças fizeram: observaram o ovo e imaginaram o que tinha dentro. O essencial foi que associaram à Laura, ou seja, fizeram o dialogismo entre ambas as obras.

Esta parte da oficina serviu para analisar que aluno de sexto ano tem capacidade de fazer o diálogo entre duas obras, não apenas de escrita e imagens, mas ambos os gêneros.

Como parte da metodologia de leitura e crítica dialógicas, estruturamos algumas questões na direção de vivenciar com eles os primeiros passos para a leitura e crítica dos gêneros do discurso: o conto e o quadro, em específico, no universo das artes plásticas direcionamos para formar leitores para o exercício de compreender a imagem em foco, o quadro *Clarividência* de René Magritte (1936), a princípio pela observação das unidades visuais e outros elementos da composição da tela. (BARROS, 2003)

1. O que o pintor está fazendo? (A impressão que se pode ter)
2. Onde estão: o ovo, o pássaro e o pintor? (Composição)
3. O desenho do quadro é simples ou complicado? (A forma)
4. Você poderia listar as cores que René Magritte usou nesta pintura? (Cor)
5. Quais são as partes mais claras da pintura? Vocês acham que o homem recebe a mesma luz que o ovo e a tela? (Luz)
6. Quando você olha o quadro, qual objeto está mais perto de você? Qual é a parte da pintura que lhe chama mais atenção? Você saberia explicar porquê? (Perspectiva)
7. Descrever como o pintor colocou as pinceladas de cada cor. (Técnica)
8. Como Magritte criou a imagem nessa pintura: a imagem do ovo, do pássaro e dele mesmo em autorretrato?
9. Qual o contexto cultural da obra de arte?

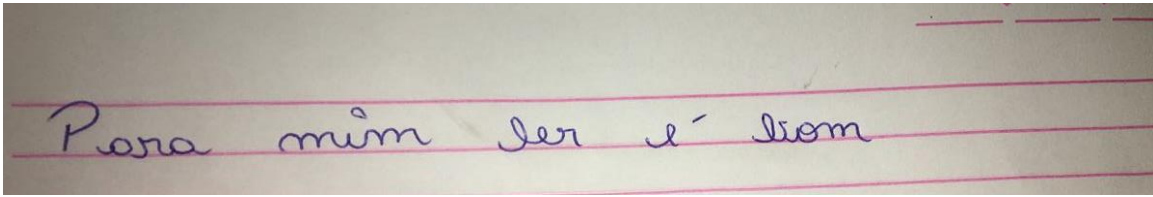
3.6 Análise das respostas pré e pós oficinas

Por fim, foi-lhes passado, novamente, a folhinha para que completassem o que é ler para eles. Para nossa surpresa e satisfação, a maioria dos alunos mudaram sua concepção acerca da leitura e demonstraram interesse maior pelo gênero.

Para analisar o progresso com os alunos, partiremos de suas próprias concepções de leitura antes e depois da oficina. Separamos três alunos, em particular, que caracterizam os demais alunos analisados: Aluno 1 (o aluno que gosta de ler e pratica leitura); Aluno 2 (o aluno que não gosta de ler e se sente obrigado a isto); Aluno 3 (o aluno que não gosta de ler e, de maneira alguma, põe a leitura em prática). Partindo dessas informações, analisemos:

Aluno 1

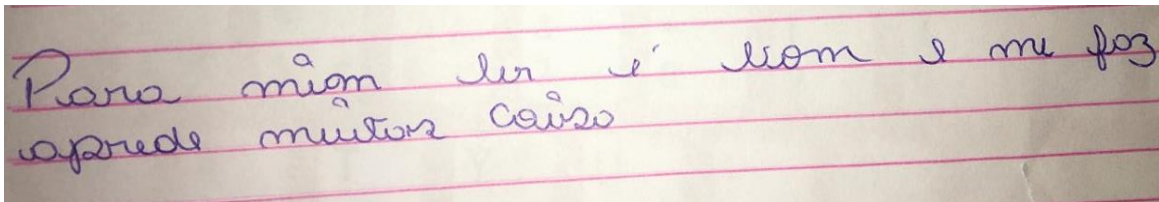
Resposta antes da oficina:



Fonte: Corpus coletado pela autora

É o aluno quase pronto, que se identifica com a leitura, tem a prática e só precisa desenvolver a vivência de expressar ao máximo a sua capacidade de expor o que pensa.

Resposta após a oficina:

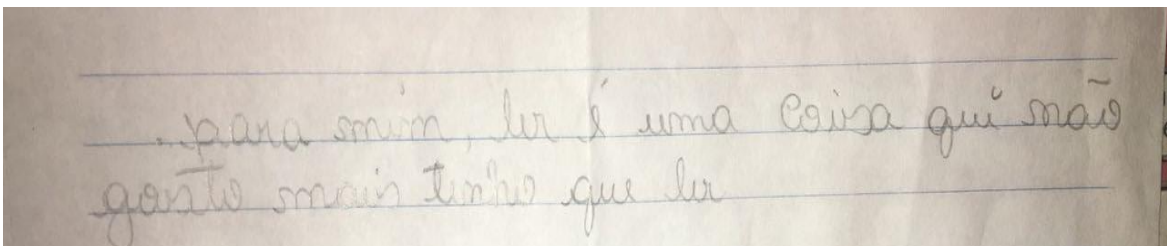


Fonte: Corpus coletado pela autora

A percepção de mundo e o poder da expressão e da capacidade de leitor/pensador é visivelmente notória. O aluno 1, percebeu que pode aprender mais e ampliar seus horizontes através da leitura.

Aluno 2

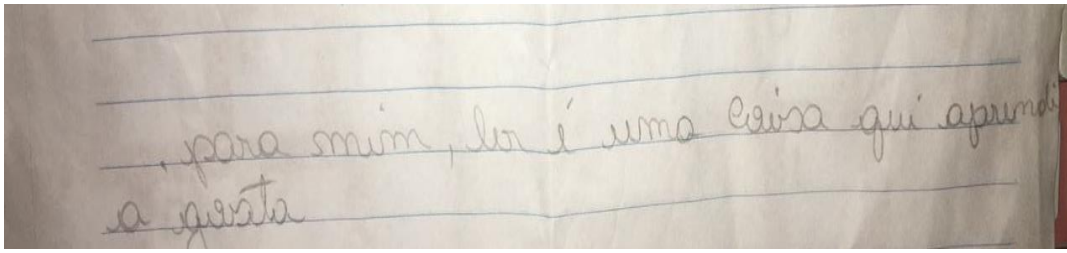
Resposta antes da oficina:



Fonte: Corpus coletado pela autora

Conforme mostra a resposta acima, o ato de ler é algo que desagrada o aluno 2, ele pratica leitura, mas é algo que ele se sente obrigado e não enche seus olhos.

Resposta após a oficina:

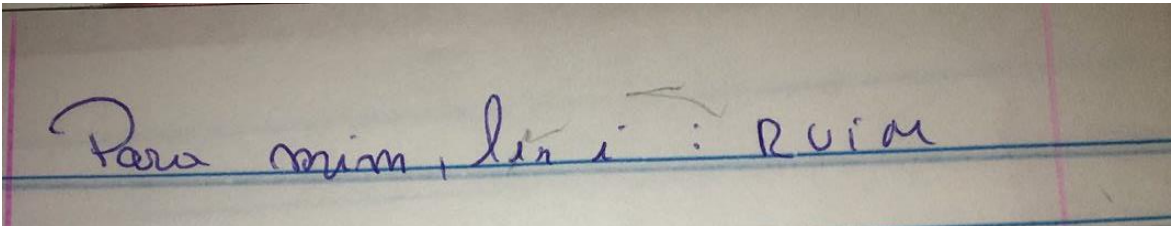


Fonte: Corpus coletado pela autora

É visível o processo de mudança de perspectiva, de maneira positiva, que esse aluno sofreu e que é possível moldar o pensamento do aluno sobre a leitura em sala de aula e no mundo fora do ambiente escolar.

Aluno 3

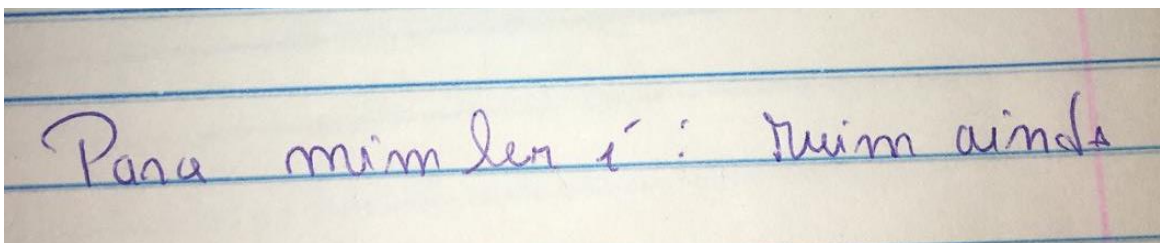
Resposta antes da oficina:



Fonte: Corpus coletado pela autora

O aluno 3 é caracterizado por uma mistura falta de motivação (tendo em vista as poucas oportunidades e vivências) para com a leitura. Não se expressa por meio da produção textual e não quer saber de ler, de maneira alguma.

Resposta após a oficina:



Fonte: Corpus coletado pela autora

Mesmo com todos os aparatos que temos em mãos e que os usamos para melhorar o desempenho e interesse do aluno, muitas vezes, não é possível mudar o seu pensamento e a prática de leitura ainda permanece distante do seu cotidiano.

Tais apontamentos registram um horizonte chamado conhecimento do aluno, que devemos lutar para conseguir chegar com êxito, de maneira que o aluno desenvolva sua maneira de enxergar não apenas qualquer texto, mas sim o mundo que o cerca, enxergar a capacidade surpreendente que cada aluno tem de se esforçar em compreender o que se lê. A satisfação é tamanha quando se nota o entusiasmo do aluno em participar das aulas, a curiosidade dele aguçada para com o conteúdo, de uma maneira espontânea e livre de qualquer pressão que o ambiente escolar, por muitas vezes, impõe.

Dialogar e interagir com o aluno é peça de grande relevância no processo de dar e receber conhecimento, pois ensinar em sala de aula é uma via de mão dupla. O professor é mediador de conhecimento, mas, a todo momento, vida receptor dele. Na oficina, muito se foi aprendido com os alunos, desde as suas experiências trazidas na lembrança de outros tempos, até a mudança de pensamento sobre os gêneros discursivos trabalhados.

Pudemos notar que os alunos aqui estudados são detentores de conhecimento e de fome de aprendizagem de uma maneira mais simples e acessível a sua compreensão. Alunos que não estavam habituados a ler com tanta frequência, desenvolveram essa capacidade de ler e gostar disso, ou seja, de tirar proveito da leitura para o seu dia a dia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término das oficinas, alguns fatores negativos foram percebidos e as condutas viciosas observadas. A falta de interesse de alguns alunos e dos próprios professores no processo de aprendizagem na sala de aula é algo alarmante e que grita por cuidados e atenção especial. Estereótipos e crenças desfavoráveis acerca da leitura do conto ou de qualquer gênero são realidades que precisamos mudar com a nossa ousadia de inovar no contexto das aulas de português e, sobretudo, na leitura e na produção textual. Essa tendência inovadora não deve estar limitada apenas nas aulas de português, mas sim, deve abranger as demais disciplinas e o hábito de aulas interessantes, com leitura inclusa, eclodir nas escolas tanto públicas quanto privadas.

O tempo de aulas monótonas já foi ultrapassado, vivemos em um tempo em que precisamos acompanhar o ritmo com que os nossos alunos seguem pois, a era da informática está aí para facilitar a abrir possibilidades de aulas extraordinárias, ou seja, aquele tipo de aula que o aluno aprende, gosta do que aprender, da maneira como aprende e leva isso para o resto de sua vida. Assim, fica aqui registrada a contribuição deste estudo para demonstrar que a área da educação necessita de modernização, tanto da escola estrutura física quanto da escola docente.

A escola pesquisada possui um certo conforto aos alunos, na questão de material novo. Mas, sabemos que essa não é a realidade da maioria das escolas públicas do nosso país. Diversos fatores corroboram para um bom desempenho em sala de aula:

- Número máximo de alunos por turma (para que o professor não se sinta sobrecarregado e consiga dar conta de suprir a necessidade de todos os alunos em sala de aula);
- Temperatura em sala de aula (pois sabemos que o calor agita nossos alunos, sobretudo após o intervalo);
- Material escolar adequado para todos os alunos (pois um aluno sem caderno não tem condições de aproveitar as aulas totalmente);
- Estrutura e recursos na escola (*Datashow*, apagador, pincel para quadro, carteiras e quadro em bom estado).

Vivemos tempos difíceis na área educação atual. Vemos professores e alunos desmotivados e acostumados com um sistema quadrado que priva e limita as aulas de modo geral. Aula de língua Portuguesa precisa trabalhar texto sim, mas ela também precisa ser

interessante e diferente, tem que ser entregue ao aluno de maneira que ele abra suas asas e voe para fora gaiola, sem medo de cair e sabendo que se cair, ele irá levantar e saltar para um novo voo. O professor precisa ser essa moral para o aluno, precisa ser o incentivador e também ser incentivado, para que esse voo aconteça.

É primordial que seja ressaltado que o trabalho com gênero em sala de aula não precisa ser complexo ou que o professor faça malabarismos exuberantes em suas aulas, o essencial é que seja elaborado um material dinâmico, interessante e motivador, para que o aluno interaja e partilhe o conhecimento transmitido em sala de aula. Assim, acreditamos que a educação do país elevará o nível e nossos alunos se formarão com a certeza de que aprenderam, verdadeiramente os conteúdos ensinados no cotidiano escolar.

Sabemos que, quando se trata de sala de aula, tudo é possível. Assim, planejamos uma aula, na certeza de que ela pode ou não sair do que se foi planejado. As vezes o conteúdo e as atividades planejadas para uma aula não duram metade disso, as vezes o que era uma aula, vira três, isso tudo é relativo, pois depende da necessidade de cada turma e varia conforme o passar do tempo. Mas, quando se vai preparado, com um plano de aula bem elaborado e dinâmico, o objetivo principal é sempre alcançado, se uma maneira ou de outra. Um professor bem preparado é peça fundamental para que tudo ocorra bem no decorrer das aulas, principalmente de língua portuguesa, pois é algo que tem um peso importante para saber falar e discorrer sobre qualquer assunto em nosso meio. A linguagem é valorosa e significativa durante toda a história da comunicação da humanidade.

Acreditamos que a visão da maioria dos alunos após a oficina didática foi transformada. Além de afirmarem que a oficina expandiu seu olhar acerca do gênero conto, essa visão foi ampliada para qualquer texto que lhes for apresentado a partir daquele dia em diante. As diversas atividades diferenciadas dentro do mesmo contexto, que era o texto, abriram portas para esse olhar diferente quando se encara qualquer gênero, pois o receio de ler e achar que o conteúdo parou aí, já não existia mais. Os alunos entenderam que eles sempre podem tirar mais vantagens do texto lido, sempre podem associar com seu cotidiano e aprimorar assim, suas habilidades e competências enquanto leitores. Com este estudo, expectamos agregar valor às pesquisas voltadas à leitura de gênero discursivo em sala de aula e que esse mito de usar texto como pretexto de apenas produção textual se encerre. Um texto pode ser norteador para grandiosas atividades em sala de aula.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M., VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 9. ed. São Paulo: HUCITEC, (1981)
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2017.
- _____. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. 6. ed. São Paulo: HUCITEC, 2014.
- BARROS, Elisa Maria. R. C. **Tita e o mundo das artes**. Recife: Bagaço, 2003.
- CLARIVIDÊNCIA. Disponível em: <<http://pt.wahooart.com/@@/5ZKEKN-Rene-Magritte-Clarivid%C3%A2ncia>> Acesso em: 15 de agost. 2018.
- COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. 3. ed. 6v. Rio de Janeiro: José Olympio, Niterói, UFF – Universidade Federal Fluminense, 1986.
- FARTHING, Stethen. 501 grandes artistas. Tradução: Marcelo Mendes e Paulo Polzonoff Jr. Rio de Janeiro: Sextante, 2009.
- GERALDI, João Wanderley. et al. (orgs.). **O texto na sala de aula**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999.
- LEITE, Lígia Chiappini de Moraes. In: GERALDI, J. W. et al. (orgs.). **O texto na sala de aula**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999.
- LISPECTOR, Clarice. **A vida íntima de Laura**. Ilustrações: Flor Opazo. Rio de Janeiro. Rocco: 1999. Disponível em: <[http://portugues.seed.pr.gov.br/arquivos/File/ClariceLispector\(1\).pdf](http://portugues.seed.pr.gov.br/arquivos/File/ClariceLispector(1).pdf)> Acesso em: 15 de agost. 2018.
- PIRES, Vera Lúcia. Dialogismo e alteridade ou a teoria da enunciação em Bakhtin. **Organon – Revista do Instituto de Letras da UFRGS**. v. 16, n. 32-33. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/29782>> Acesso em: 15 de agost. 2018.
- OLIVEIRA, Eveline Mattos Tápias. Alguns conceitos bakhtinianos e a mudança (esperada) na postura do professor. UNITAU, Anais do 6º Seminário de Pesquisas em Linguística Aplicada (SePLA), Taubaté, 2010. Disponível em: <http://site.unitau.br/scripts/prppg/la/6sepla/site/resumos_expandidos/TAPIAS_OLIVEIRA_Eveline_Mattos_p_264_282.pdf> Acesso em: 15 de agost. 2018.
- TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda europeia e modernismo brasileiro: apresentação dos principais poemas, manifestos, prefácios e conferências vanguardistas, de 1857 até hoje**. 6. ed. Petrópolis, Vozes, 1982.

APÊNDICES

PLANO DE AULA

SEQUÊNCIA DIDÁTICA DE TRÊS AULAS, SOBRE A LEITURA E A PRÁTICA DO CONTO: *A VIDA ÍNTIMA DE LAURA* (1999)

PLANO DE AULA 01

OBJETIVO:

- Conhecer as características do Conto;
- Despertar o interesse e promover a discussão acerca sobre quem é Laura;

CONTEÚDO:

- Argumentações.

RECURSOS

Datashow, lousa, papel e lápis, Notebook, extensão (tomada).

METODOLOGIA

- Pedir para que os alunos completem a frase: *para mim, ler é:*
- Apresentar um slide com a palavra: *Laura*;
- Falar que Laura é uma amiga e que irá apresentá-la na próxima aula;
- Perguntar quem ou o que eles acham que é Laura;
- Pedir para que anotem seu próprio nome, sua série em um papel;
- No mesmo papel, pedir para que os alunos escrevam quem ou o que eles acham que seja Laura e recolher todos os papeis;
- Ler, em voz alta, cada papel, para que todos os alunos ouçam os palpites;
- Devolver os papeis e pedir para que cada um guarde o seu com cuidado.

PLANO DE AULA 02

OBJETIVO:

- Ler o conto: *A vida íntima de Laura*, para os alunos;
- Promover a reflexão e a leitura dentro e fora do ambiente escolar;
- Conhecer/reconhecer a autora (Clarice Lispector).

CONTEÚDO:

- Biografia de Clarice Lispector;

- Conto: *A vida íntima de Laura*.

RECURSOS

Lousa, Datashow, Notebook, extensão (tomada).

METODOLOGIA

- Anunciar que Laura será apresentada;
- Começar a leitura do conto, que revela que Laura é uma galinha;
- Pausar a leitura e partilhar da surpresa dos alunos ao saberem a origem de Laura;
- Continuar a leitura do conto, até o final;
- Ler a biografia de Clarice;
- Pedir para que cada aluno fale o que achou de Laura e se também querem ser amigos dela;
- Perguntar se eles conhecem alguma galinha;
- Perguntar se eles já viram galinha com nome de gente;
- Perguntar se conhecem receitas com galinha;
- Perguntar que outras coisas podem ser feitas usando galinha (penas);
- Partilhar cachorro quente de galinha;

PLANO DE AULA 03

OBJETIVO:

- Reproduzir a galinha citada no texto lido;
- Refletir que todos são diferentes, assim como as galinhas produzidas;
- Avaliar a importância dessa oficina para os alunos.

CONTEÚDO:

- Habilidade de produção e auto avaliação.

RECURSOS

Tesoura, cola branca, cartolina amarela, branca e marrom, EVA cor de laranja, lápis comum e hidro cor.

METODOLOGIA

- Dividir e distribuir aos alunos, todos os materiais necessários para que cada um produza a sua galinha cone.
- Deixar que eles produzam sozinhos suas galinhas (ajudar quando necessário);

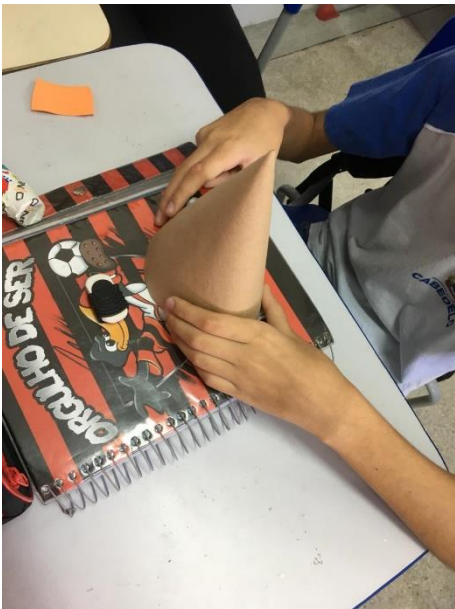
- Expor as galinhas no pátio da escola, para que as outras turmas vejam e os alunos se orgulhem do que foi produzido;
- Pedir para que os alunos completem a frase, novamente: *para mim, ler é:*

MODELO DE GALINHA CONE A SER REPRODUZIDO



Disponível em: <http://ensinar-aprender.com.br/2013/05/galinha-feita-com-c> Acesso: 10/08/2018.

- 1)
- 2) **PRODUÇÃO DAS GALINHAS CONE**





ANEXOS

ANEXO 1 - A VIDA ÍNTIMA DE LAURA (OBRA)

“Vou logo explicando o que quer dizer “Vida íntima”. É assim vida íntima quer dizer que a gente não deve contar a todo o que se passa na casa da gente. São coisas que não se dizem a qualquer pessoa. Pois vou contar a vida íntima de Laura. Agora adivinhe quem é Laura. Dou-lhe um beijo na testa se você adivinhar. E duvido que você acerte! Dê três palpites. Viu como é difícil? Pois Laura é uma galinha. É uma galinha muito da simples. Peço a você o favor de gostar logo de Laura porque ela é a galinha mais simpática que já vi. Acho que vou ter que contar uma verdade. A verdade é que Laura tem o pescoço mais feio que já vi no mundo. Mas você não se importa, não é? Porque o que vale mesmo é ser bonito por dentro. Você tem beleza por dentro? Aposto como tem. Como é que sei? É que estou adivinhando você. Outra verdade: Laura é bastante burra. Tem gente que acha ela burríssima, mas isto também é exagero: quem conhece bem Laura é que sabe que Laura tem seus pensamentozinhos e sentimentozinhos. Não muitos, mas que tem, tem Só porque sabe que não é completamente burra ela fica toda prosa e boba. Ela pensa que pensa. Mas em geral não pensa coisíssima alguma. Luís passeia o dia inteiro no terreiro entre as galinhas, de peito inchado de vaidade. É porque ele pensa que, sabendo cantar de madrugada, manda na Lua e no Sol. Laura quase não deixa gente nenhuma fazer carinho nela. Porque tem um medo danado de pessoas. Se alguém chega perto dela, sem ser para dar milho, ela foge com grande barulheira, cacarejando feito uma doida Ela cacareja assim: não me matem! não me matem! Mas ninguém tem intenção de matá-la porque ela é a galinha que bota mais ovos em todo o galinheiro e mesmo nos das vizinhanças Laura vive apressadinha. Por que tanta pressa, oh Laura? Pois ela não tem nada o que fazer. Esta pressa é uma das bobagens de Laura. Mas ela é modesta: basta-lhe cacarejar um bate-papo sem-fim com as outras galinhas. As outras são muito parecidas com ela: também meio ruiva e meio marrom. Só uma galinha é diferente delas: uma carijó toda de enfeites preto e branco. Mas elas não desprezam a carijó por ser de outra raça. Elas até parecem saber que para Deus não existem essas bobagens de raça melhor ou pior. Eu sei que você nunca viu Laura. Mas se você já viu uma galinha meio marrom, meio ruiva, e de pescoço muito feio é como se você estivesse vendo Laura. Vai sempre existir uma galinha como Laura e sempre vai haver uma criança como você. Não é ótimo? Assim a gente nunca se sente só. Pena que Laura não goste de pessoa alguma. Ela quase nunca tem sentimentos, como eu disse. Na maioria das vezes tem o mesmo sentimento que deve ter uma caixa de sapatos. Por que será que Laura fica o dia inteiro bicando a terra e procurando comida? Não pode ser por tanta fome, pois a cozinheira Dona Luísa lhe dá muito milho. Vou contar um segredo de Laura: ela come por pura mania. Come cada porcaria! Mas não é tão burra assim. Por exemplo: não come pedaço de vidro. Sabida, hein? Um dia ela sentiu que ia ser mãe de novo. Cacarejou depressa a novidade para Luís. Luís parecia que ia estourar de tanta vaidade de ser de novo pai. Bem sei que todo ovo nasce. Mas aquele ia ser uma beleza. Era um ovo todo especial. Até que uma noite Laura sentiu que o ovo estava pronto para nascer. Como é que ela sentiu? Desculpe, não sei, porque nunca fui galinha na minha vida. Ela estava até dormindo e acordou sentindo o ovo nascendo dela. Viva o meu filho! Foi assim que Luís cantou. Embora fosse meia-noite, a notícia era como se o Sol brilhasse. No galinheiro brilhava aquele lindo ovo branco. Laura, toda satisfeita, esfregou suas penas com o bico para alisar-se, igual como a gente penteia os cabelos. Porque ela é muito vaidosa e gosta muito de estar bem-

arrumada. Depois que se penteou viu que estava pronta para se sentar em cima do ovo e esquentá-lo até nascer o pinto. Tudo estava tão bom que nem sei dizer. Laura recebeu a visita das amiguinhas dela, todas cacarejando e trazendo minhocas de presente, já que ela não podia levantar-se de cima do ovo. Também recebeu visita de Dona Luísa. Como presente de Dona Luísa, Laura ganhou um pires de milho novo e amarelo. Quando o pinto estava pronto, grande demais para caber dentro da casca, ele mesmo quebrou de dentro para fora a casca com o bico. Depois que saiu inteiro da casca do ovo, apareceu aquela coisa feinha e magrinha. Mas no dia seguinte virou o pinto mais amarelo do mundo e o mais fofinho, e começou a correr lindo atrás da mãe. Laura catava minhocas e botava as minhocas no bico aberto do pinto. Até que ele foi crescendo e virou frango e então ele mesmo procurava comida para comer. Já tinha pegado a mania de Laura: comia sem parar. Laura estava satisfeita como uma rainha. Este frango se chama Hermany. Uma bela noite... Bela coisa nenhuma! Porque foi terrível. Um ladrão de galinhas tentou roubar Laura no escuro do quintal. Mas Laura fez uma barulheira tão tremenda que agitou todas as galinhas e elas começaram a cacarejar. E o galo começou a berrar. Dona Luísa acendeu as luzes da casa toda, acendeu as luzes do quintal e o ladrão teve tanto medo que fugiu. Dizem que até hoje ele ainda anda correndo. Outra coisa ruim para Laura foi que Dona Luísa a emprestou para um quintal vizinho. É que ela sabia botar muito ovo e pediam que a emprestassem por uns tempos. Foi assim que Laura se viu entre galinhas desconhecidas e sem Luís. Depois tudo foi melhorando porque ela começou a arranjar amigas entre as galinhas e botou grande quantidade de ovos. Então voltou para o seu verdadeiro quintal. Luís ficou todo contente. Esse galo, como eu já disse, era muito vaidoso. Orgulhava-se de ser casado com Laura, orgulhava-se de cantar bem alto, bem rouco e bem estridente, logo que o Sol dava mostras de querer nascer. Ele era o primeiro galo das redondezas a cocoricar. Quando eu era do tamanho de você, ficava horas e horas olhando para as galinhas. Não sei por quê. Conheço tanto as galinhas que podia nunca mais parar de contar. Vou contar uma coisa meio enjoada de se contar. É o seguinte: sabe que a galinha tem um cheiro um pouco chato? Parece cheiro de cesto de roupa suja ou de quando a gente não toma banho todos os dias. Não é cheiro limpo não. Então embaixo das asas é aquela morrinha. Mas não faz mal. Todas as coisas têm mesmo um cheiro, não é? Você cheira bem? Cachorro é que gosta de viver cheirando tudo, O que eu queria saber é quem ensinou o galo a cantar de madrugada. Tem gente que se aproveita do canto como despertador para se acordar. Eu queria tanto que Laura soubesse falar. Ela ia dizer tanta burrice engraçada que só vendo. Ela ia dizer assim, por exemplo: “você sabe que uma coisa vermelha é vermelha?” e você respondia: claro que é, pois se você já está dizendo. Talvez ela pudesse explicar que gosto tem minhoca. Mas não é fácil explicar o gosto que se tem na boca. Por exemplo: experimente explicar o gosto do chocolate. Viu como é difícil? É gosto de chocolate mesmo. Você sabe que Deus gosta de galinha? E sabe como é que eu sei que Ele gosta? É o seguinte: se Ele não gostasse de galinha, Ele simplesmente não fazia galinha no mundo. Deus gosta de você também senão Ele não fazia você. Mas por que faz ratos? Não sei. Laura não beija ninguém. Acho que ela dá umas bicadinhas meio sem jeito em Hermany. Aliás nunca vi ninguém mais sem jeito que essa galinha. Tudo o que ela faz é meio errado. Menos comer. E, é claro, ela faz um ovo certo. Existe um modo de comer galinha que se chama “galinha ao molho pardo”. Você já comeu? O molho é feito com o sangue da galinha. Mas não adianta mandar comprar galinha morta: tem que ser viva e matada em casa para aproveitar o sangue. E isto eu não faço. Nada de

matar galinha. Mas que é comida gostosa, é. A gente come com arroz bem branco e bem solto. Também existe uma comida de galinha que se chama supremo de frango. Até me deu fome. Eu sei onde se come esse tipo de galinha. Mas não digo porque parece propaganda. Também, pelo mesmo motivo, não posso dizer que refrigerante é bom de se beber com essa galinha. Adivinhe! Começa com a letra C. É engraçado gostar de galinha viva mas ao mesmo tempo também gostar de comer galinha ao molho pardo. É que pessoas são uma gente meio esquisitona. Eu só queria saber do seguinte: há quanto tempo existe galinha na Terra? Você que me responda porque eu não sei. Agora vou contar uma coisa um pouco triste. A cozinheira disse para Dona Luísa apontando Laura: — Essa galinha já não está botando muito ovo e está ficando velha. Antes que pegue alguma doença ou morra de velhice a gente bem que podia fazer ela ao molho pardo. — Essa aí não mato nunca, disse Dona Luísa. Laura ouviu tudo e sentiu medo. Se ela pensasse, pensaria assim: é muito melhor morrer sendo útil e gostosa para uma gente que sempre me tratou bem, essa gente por exemplo não me matou nenhuma vez. (A galinha é tão burra que não sabe que só se morre uma vez, ela pensa que todos os dias a gente morre uma vez.) Além disso Laura estaria sentindo, se sentisse, que Dona Luísa nunca ia comê-la. Gostava muito de viver. Então ela meteu o bico na lama, se lambuzou toda e se despenteou. Veja que ela não era tão burra assim: ela sabia que os outros só a reconheciam mesmo porque ela era a mais limpa e a mais penteada do galinheiro. Quando a cozinheira apareceu Laura ficou com medo, mas se garantindo com a bondade e o amor de Dona Luísa. A cozinheira pegou uma galinha chamada Zeferina, meio arruivada e meio marrom, que era muito parecida com Laura. E na hora do jantar, quando todos estavam sentados ao redor da mesa, Zeferina, prima de quarto grau de Laura, apareceu numa travessa grande de prata, já toda em pedaços, alguns bem dourados. O filho e a filha de Dona Luísa, Lucinha e Carlinhos, comeram, embora com pena, Zeferina com arroz branco e solto e regaram tudo com molho pardo. Agora vou contar uma coisa muito bacana. Preciso antes dizer que Laura era uma galinha pra frente. Tanto que um habitante de Júpiter — um cara que tinha um só olho na testa e era do tamanho mesmo de uma galinha —, esse habitante de Júpiter baixou de noite no quintal de Dona Luísa, enquanto todas as galinhas estavam dormindo. O habitante-anão se chamava Xext e foi logo acordar Laura. Laura nem se espantou. Disse assim: — Olá bicho. Como é que você se chama? — Xext, respondeu ele. — Falou, tá falado, disse Laura. E perguntou: quer que eu peça a Luís para cantar a sua vinda? — Não, disse Xext, porque ele acordaria todo mundo. E não valia a pena porque as pessoas não acreditam em mim, pensam que sou fantasma. — Por que você me escolheu para se apresentar? — Porque você não é quadrada. Xext pronuncia-se Equzequite. É difícil, eu sei. Era mais fácil se se chamasse José ou Zequinha. Xext perguntou a Laura como eram os humanos por dentro. — Ah, cacarejou Laura, os humanos são muito complicados por dentro. Eles até se sentem obrigados a mentir, imagine só. — Peça alguma coisa de mim que eu faço acontecer, falou Xext. — Ah, disse Laura, se meu destino for ser comida, eu queria ser comida por Pelé! — Mas você nunca vai ser comida e ninguém vai matar você. Porque eu não deixo. E agora vou embora, minha mãe está me esperando. Ela se chama Xexta. — Tchau, disse Laura. — Tchauzinho, respondeu Xext e desapareceu. Que bom ser protegida por um habitante de Júpiter, pensou Laura e começou a dormir de novo. Mas acordar no meio da noite bem que cansou Laura, e no dia seguinte a cozinheira disse a Dona Luísa: — Laura está com cara de ontem. “Cara de ontem” quer dizer cara de maldormida. Acabou-se aqui a

história de Laura e de suas aventuras. Afinal de contas, Laura tem uma vidinha muito gostosa. Se você conhece alguma história de galinha, quero saber. Ou invente uma bem boazinha e me conte. Laura é bem vivinha.”

ANEXO 2 - CLARICIDÊNCIA (RENE MAGRITTE)



René Magritte – La Clairvoyance (A Clarividência), 1936 – óleo sobre tela - 54.5 x 65.5 cm – coleção particular.